



## 7º Simpósio de Ensino de Graduação

### O DIALETO BAIANO

#### Autor(es)

---

LUCIANA F. DE C. ROMANO NETO

#### Co-Autor(es)

---

JULIANA KIMIE  
SABRINA SILVA

#### Orientador(es)

---

HEIDI AMARAL BEDUSCHI

#### 1. Introdução

---

A linguística é uma ciência que estuda as línguas naturais como forma de comunicação, ou seja, trata-se de um estudo científico da linguagem verbal humana. Por isso, tem como objetivo descrever a língua tal como é utilizada pelos falantes, sem preconceito linguístico. Diferentemente da gramática normativa, a Linguística prescreve modo “certo” de falar, existe sim um modo mais ou menos eficaz de se comunicar através da fala.

Já a sociolinguística é um ramo da linguística que estuda as inúmeras variáveis e variantes que podem descrever a língua com o mesmo valor de verdade, levando em conta a realização de tais fenômenos no ato da fala com um falante real dentro de um contexto social concreto.

No Brasil existem muitas variantes da língua portuguesa, tanto pela extensão territorial quanto pela diversidade social, contudo, dentro dos princípios da Sociolinguística, o indivíduo tem de se fazer compreender pelo grupo social em que se encontra.

#### 2. Objetivos

---

A língua é uma ferramenta utilizada pela sociedade e como tal, sofre alterações de acordo com o meio em que se encontra. De tal forma, que existe um pré-julgamento de caráter, ou seja, o indivíduo pode ser taxado de ingênuo intelectualmente, ou preguiçoso apenas pelo modo como se expressa verbalmente.

O brasileiro que mora na Bahia, por exemplo, possui vocabulário próprio, comprovando que a língua de um mesmo país se apresenta de maneira não uniforme, apesar de compreensível por todos os falantes. É a partir dessa constatação que o trabalho apresentado é norteado, descrevendo o dialeto baiano, na perspectiva da linguística, destacando o preconceito existente com o falar em questão. Além disso, o objetivo desse trabalho analisa as formas de se amenizar tal predileção dialetal em detrimento à outra.

### 3. Desenvolvimento

---

A Bahia é localizada em uma das regiões consideradas por muitos como sendo pobre e de disseminação cultural baixa. Esse fato escancara o pré-julgamento existente com a população dessa área. Sem mencionar o alto índice de analfabetismo, segundo dados do MEC (Ministério da Educação). Fatos esses que vêm acentuar o preconceito lingüístico em relação ao dialeto baiano, já que a língua está entrelaçada com o prestígio sócio-econômico e também cultural dos falantes.

A língua portuguesa falada na Bahia é exclusiva e própria, carregada de riquezas histórico-culturais, pouco conhecidas por habitantes de outras regiões do país, além de possuir um dicionário de palavras próprias denominado pelos baianos como “dicionário baianês”. Trata-se de um Estado que foi berço para vários artistas cânones da cultura brasileira, o que não impede a exclusão do dialeto baiano entre os dialetos de maior predileção.

A contribuição da mídia para a propagação do preconceito ao baianês é grande, e a representação do falar nordestino é estereotipada, principalmente nas obras televisivas e cinematográficas. Nessas obras é de fácil percepção o preconceito ao falar baiano, que é atribuído na maioria delas à personagens de qualquer região do Nordeste, denotando o fato de que aquela região fosse constituída apenas pela Bahia. Porém, não é correto afirmar que todas as obras são infiéis à legítima forma do falar baiano. Analisando duas obras, uma novela e outro seriado, pode-se distinguir a diferença do padrão lingüístico adotado pelos atores.

Na novela “Caras e Bocas”, exibida pela emissora Rede Globo em 2009, os personagens baianos: Adenor, Fabiano e Ivonete fazem parte do núcleo humorístico. A entonação e a forma que atores adotam em seu dialeto são extremamente exageradas e infiéis ao dialeto baiano, de modo a ridicularizar os falantes e garantir um ar cômico às cenas.

Já no seriado “Ó pai, Ó”, de 2008, nota-se o oposto. Há uma garantia e fidelidade à parte da Bahia representada nas histórias, assim como um seguimento rigoroso aos padrões da língua falada, já que a maioria dos atores dessa obra tem procedência local.

O Nordeste é composto por nove Estados e a diferença lingüística entre eles é tão grande quanto sua extensão territorial. Apresentando um aumento relativo do preconceito lingüístico, principalmente através dos meios de comunicação, que deveria ter por objetivo tratar dessa questão com respeito, considerando-a tão relevante quanto o preconceito racial ou sexual, por exemplo. No entanto, como não existe ainda lei que trate desse tipo de opinião pré-estabelecida contra um cidadão baiano, a proliferação da idéia de que o baianês é um falar “feio” e usado por pessoas de pouca cultura ou escolaridade, cresce a cada dia, em cada região do Brasil tida como rica e desenvolvida.

### 4. Resultado e Discussão

---

Como já foi dito anteriormente, o falar de cada região se desenvolve de acordo com diversos fatores, trata-se da variação diatópica, ou seja, de acordo à geografia. No nordeste, especificamente na Bahia, tal sotaque, bem como o vocabulário, tem origem no processo histórico de colonização daquele lugar, sofrendo influências de Portugal, Holanda e África, principalmente. Além disso, o povo baiano se orgulha muito da preocupação que tem com o bem falar (de acordo com as regras da gramática normativa da língua portuguesa). Há um cuidado grande com conjugação, concordância e, fazem uso, em geral, de um vasto vocabulário, até pelo contexto cultural, tendo a Bahia sido o Estado natal de Jorge Amado, Castro Alves, entre outros grandes escritores, é proporcionado a esse povo, palavras “ricas” poeticamente falando.

Um exemplo das normas usadas pelo povo baiano em seu dialeto é o s-final plural marcante: “Aquelas casas antigas do Pelourinho serão restauradas”. No campo da fonética, apresenta r pronunciado muito mais aberto se comparado com o Estado de São Paulo, por exemplo: [carta]; [porta]; etc.

Como se sabe, a língua não é algo fechado, ela varia e está em constante modificação através dos tempos. Nesse sentido, o falar dos baianos também teve seu léxico alterado ao longo dos anos. Palavras antigas tomaram formas mais reduzidas, como “ô xente” – “oxi”, sem mencionar suas variações “oxi, oxi, oxi, oxi”, quando algo espanta o falante, provoca surpresa ou indagação. (Outros exemplos do vocabulário específico de Salvador podem ser encontrados na tabela mais abaixo).

Podemos então concluir, que por se tratar de tanta variação, existe a necessidade de se conhecer as peculiaridades dos falantes do dialeto em questão, ao passo que seja abolido o preconceito e o estereótipo lingüístico. Há de se pensar nas variações dialetais como formas de manifestação cultural de cada região através da fala e da comunicação. Não levar em conta o prestígio social ou o “certo e errado” da gramática normativa, mas analisar criticamente as diversas maneiras de falas no Brasil.

DICIONÁRIO BAIANÊS

PEBA De má qualidade

POCAR Estourar

TABAREU Ignorante, da roça

APRESSAR Procurar saber

ADIANTE Ir mais rápido  
CAPOTE Agasalho  
PARA O ANO Ano que vem, próximo ano  
DE HOJE À 8 Semana que vem, próxima semana  
AONDE De jeito nenhum  
COMER O REGGAE Aceitar o que foi dito (uma mentira)  
CAIR NO REGGAE Ir para balada  
COMER ÁGUA Se embriagar  
LAPISEIRA Apontador  
GRAFITE Lapiseira  
E KIKO? E eu com isso?  
MANGUIAR, À MIGUÉ, OBA, OBA Fazer de qualquer jeito  
ESCALDAR Dar bronca  
MARRON Mais ou menos (estilo fonético)

## 5. Considerações Finais

---

Como resultado da pesquisa e análise do dialeto baiano, vemos que o aspecto lingüístico sofreu influências da colonização daquela região e de seu processo histórico-cultural. Sendo a língua uma extensão da cultura onde a sociedade se identifica, um indivíduo da mesma língua, tendo uma vez contato com dialeto diferente do seu, tentará se adaptar para ser aceito e poder também se integrar ao novo grupo lingüístico. Com a exposição a esse novo falar, o indivíduo se apropria do vocabulário, sotaque e gírias.

Os falantes de uma língua têm o objetivo, mesmo que inconsciente, de ser aceito socialmente, portanto, se identifica ou se diferencia de um determinado grupo lingüístico, de acordo à sua intenção. Cabe aos outros falantes não julgar a beleza estética da língua, mas sim a sua funcionabilidade de comunicação.

## Referências Bibliográficas

---

CUNHA, Celso & CINTRA, F.L. Lindley. Nova Gramática do Português Contemporâneo. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

L. BLOOMFIELD, Language, London, 1935,4.

BAGNO, Marcos. Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa, 4ª ed.

MOLLICA, Maria Cecília. Conversas com Lingüistas: Virtudes e Controvérsias da Linguística.

Seriado “Ó Paí Ó” – Mercado Branco Parte 1. Disponível em: ><http://www.youtube.com/watch?v=fPkqHd2Ba8Y><

Cena da Novela “Caras e Bocas” Otaviano Costa – “Adenor sopinha na boquinha” – TV Globo. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=z2Wux2vAnoU>

Josué. O jeito de falar nordestino – Opinião. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/o-jeito-de-falar-nordestino>

Pesquisas orais com indivíduos de diferentes dialetos, que por algum período, moraram em Salvador.